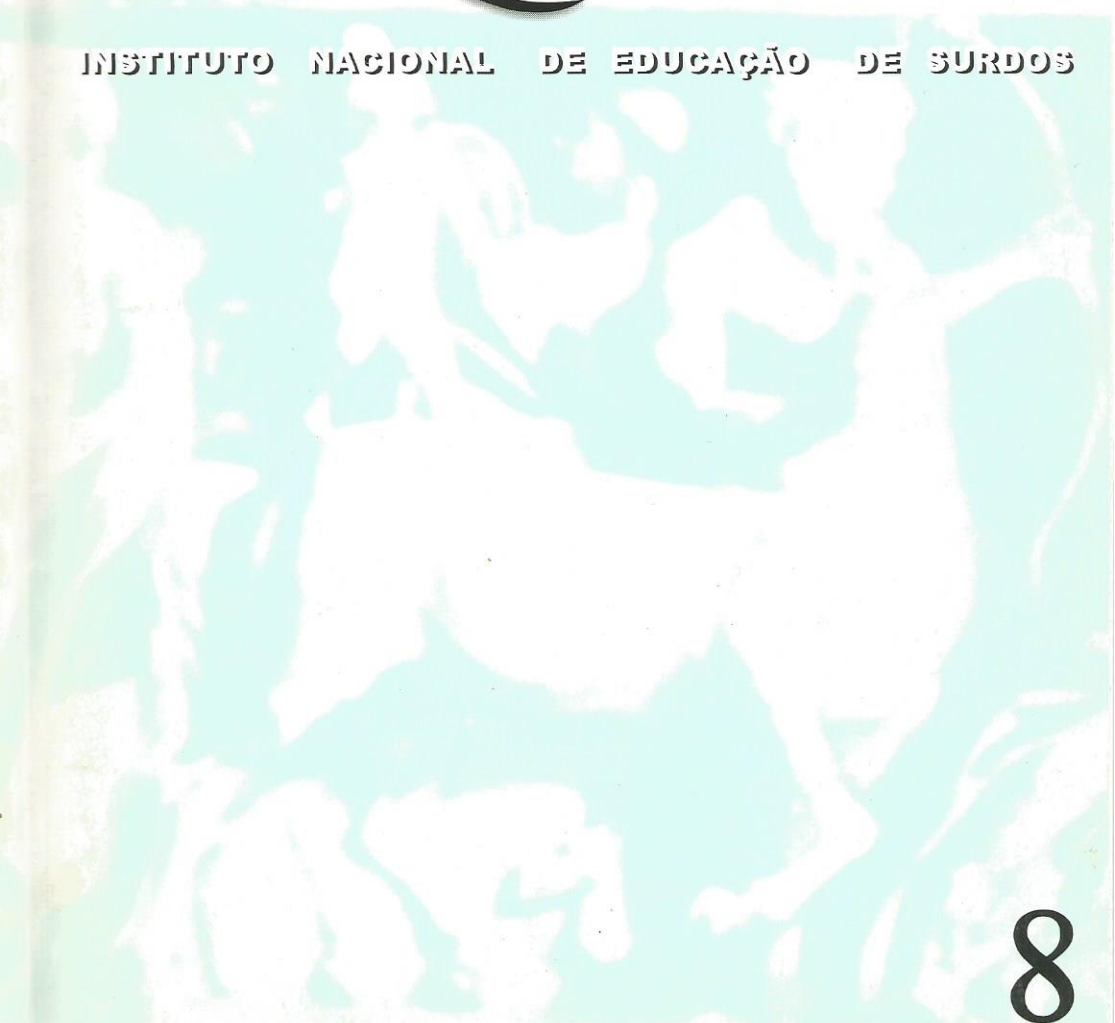


# ARQUEIRO

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS





# ARQUEIRO

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

8

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
Comissão de Publicação  
Rua das Laranjeiras, 232 - 3º andar  
CEP 22240-001 Rio de Janeiro / RJ - Brasil  
Telefax: (0xx21) 2285-7284 / 2285-5107  
e-mail: ddhct1@ines.org.br  
diesp@ines.org.br

# ARQUEIRO

issn 1518-2495

GOVERNO DO BRASIL  
PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Cristovam Buarque

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL  
Cláudia Pereira Dutra

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
Stny Basílio Fernandes dos Santos

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO,  
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
Nadia Maria Postigo

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS  
Leila de Campos Dantas Maciel

EDIÇÃO  
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES  
Rio de Janeiro - Brasil

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Imprinta

Tiragem  
4.000 exemplares

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO  
André Luiz da Costa e Silva / Marisa Marins Viola  
Mônica Azevedo de Carvalho Campello / Rita Maria Andrade Vasconcellos  
Simone Ferreira Conforto



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Comissão de Publicação  
Rua das Laranjeiras, 232 - 3º andar CEP 22240-001 Rio de Janeiro / RJ - Brasil  
Telefax: (0xx21) 2285-7284 / 2285-5107  
e-mail: ddhct1@ines.org.br / diesp@ines.org.br

Arqueiro  
vol. 8 (Jul/Dez) Rio de Janeiro  
INES, 2003

Semestral  
ISSN 1518-2495  
1 - Arqueiro - Instituto Nacional de Educação de Surdos

# ÍNDICE

EDITORIAL .....	4
A EDUCAÇÃO ESPECIAL ITINERANTE NO SUDESTE DO TOCANTINS: RELATO DE EXPERIÊNCIA. ....	5
Márcia Cristina Barreto Fernandes de Abreu	
INGLÊS NA SALA DE AULA DO INES .....	9
Professora Katia Cristina Vanffossen	
PROJETO OFICINA DE LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA NO CAP/INES .....	12
Professora Lúcia Alves Badaue	
PROPOSTA PARA A PROMOÇÃO DA AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA DE SINAIS PELA CRIANÇA SURDA .....	16
Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional do Curso de Fonoaudiologia da Universidade de São Paulo. Lichtig, I.; Slomski, V.; Trettel, M.; Barbosa, F. V.; Couto, M. I. V.; Akyama, R.	
ENTREVISTA .....	21
SESSÃO ACONTECEU .....	25

## EDITORIAL

Contemplamos os leitores, nesta edição, com práticas vivenciadas por profissionais, que nos mostram sua incansável dedicação, com o trabalho que vêm desenvolvendo.

Nestas páginas, temos a oportunidade de conhecer como é ministrado o ensino da Língua Inglesa para o surdo, práticas de atividades para a Língua Portuguesa e, como não poderíamos deixar de acrescentar, o desenvolvimento da **LIBRAS** sendo cada vez mais pesquisado.

Constatamos que quando nos propomos a fazer um trabalho em prol do outro, temos que fazê-lo com carinho, dedicação e devemos estar abertos a recebê-lo, independente da sua diversidade. Temos que gostar do que fazemos e sentir a magia de nos doarmos ao outro.

Com isso, então, conseguiremos, com certeza, alcançar uma educação de qualidade, pois sairemos à luta como um todo, deixando o individualismo de lado.

Nadia Maria Postigo

## A EDUCAÇÃO ESPECIAL ITINERANTE NO SUDESTE DO TOCANTINS: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Márcia Cristina Barreto Fernandes de Abreu<sup>1</sup>  
marciabfernandes@bol.com.br

O presente trabalho refere-se ao relato de experiência do planejamento e desenvolvimento do projeto: Educação Especial Itinerante, idealizado e executado entre os anos de 2002 e 2003, pela Coordenação de Ensino Especial da Delegacia Regional de Educação de Arraias, localizada na região sudeste do Estado do Tocantins, órgão representativo da Secretaria de Estado de Educação do Tocantins (SEDUC – TO), a qual coordena as Políticas Públicas de Educação nos seguintes municípios: Arraias, Paranã, Aurora do Tocantins, Combinado, Novo Alegre e Lavandeira.

O projeto nasceu da necessidade de levar ao conhecimento da população, de cada um dos municípios envolvidos, as ações e atividades desenvolvidas pelas Unidades Escolares, referentes à modalidade: Educação Especial inserida no contexto da Educação Básica. As discussões giraram em torno de Legislação vigente, número de turmas de atendimento especial, características de alunos atendidos, número de profissionais envolvidos na Educação Especial, diagnóstico e encaminhamento de alunos para o atendimento, capacitação e acompanhamento dos professores. Teve como objetivos divulgar, conscientizar, sensibilizar e envolver a comunidade escolar, comunidade em geral, profissionais de educação e autoridades políticas no reconhecimento da importância da Educação Especial e na participação da sociedade local, quanto a gestão participativa de propostas pedagógicas que visassem à construção de um ambiente escolar orientado para a perspectiva inclusiva, tendo como resultado a diminuição das salas especiais, a inserção do aluno “especial” no ensino regular e o aumento do atendimento em salas de recursos. A partir do planejamento, foram criadas comissões municipais, com representantes das instituições parceiras, que ficaram responsáveis em colaborar com a Delegacia de Ensino de Arraias, na organização do evento em cada município. A execução foi realizada, no período entre agosto de 2002 e fevereiro de 2003, em encontros mensais, um em cada município, com carga horária de 10(dez) horas, executadas em um dia de encontro, distribuídas da seguinte forma:

**03 horas** – Composição de mesa de autoridades, com participação de representantes da Secretaria Estadual de Educação e Unidades Escolares dos municípios envolvidos. Palestras sobre tópicos gerais da Educação Especial. Apresentação artística e cultural, com participação de alunos. Em todos os encontros, foram

---

<sup>1</sup> Psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Uberlândia – MG. Especialista em Planejamento Educacional pela UNIVERSO. Responde pela Coordenação do Ensino Especial da Delegacia Regional de Ensino de Arraias – TO.

oferecidas oficinas de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, ministradas por instrutores surdos, tendo como público alvo os professores, alunos surdos e ouvintes e familiares de alunos surdos e ouvintes.

**04 horas** – Realização de oficinas com a participação de pessoas da comunidade escolar e comunidade em geral, como instrutores de atividades artísticas e pedagógicas. A inscrição para participação nas oficinas foi gratuita e aberta a toda comunidade. Houve intervalo no período da tarde, onde foram servidos lanches, com cardápios definidos pela comissão organizadora do evento, de cada município.

**03 horas** – Realização de palestra sobre assuntos relativos à Educação Especial. Depoimentos de alunos atendidos pelo Ensino Especial e seus familiares, de pessoas da comunidade e de professores que trabalham com o ensino especializado. Foram apresentados números artísticos e culturais com a participação dos alunos (regulares e especiais), comunidade escolar e comunidade em geral.

Todas as atividades propostas foram realizadas com efetiva participação da população alvo – uma média de 10% dos habitantes de cada município sendo **os custos relativos à alimentação, ao material para oficina, reprodução de material, transporte, financiados pelos seguintes parceiros: Secretaria de Estado da Educação do Tocantins, Delegacia Regional de Ensino de Arraias, Prefeituras Municipais (Arraias, Paraná, Aurora do Tocantins, Combinado, Novo Alegre, Lavandeira), Unidades Escolares das redes estadual e municipal.** Contamos também com a parceria da Subsecretaria de Estado da Educação de Campos Belos – Goiás, que, gentilmente, cedeu os instrutores surdos para ministrarem as oficinas de LIBRAS.

O trabalho de seis professores que atuam nas turmas especiais da região e o desejo demonstrado por eles e pela Coordenação de Ensino Especial, de implementarem a Educação Especial nas escolas e nos municípios que trabalham, serviram de alicerce do projeto.

A Educação Especial na Delegacia Regional de Ensino de Arraias atende alunos diagnosticados uma média de oito alunos para modulação do professor, apresentando déficit mental, deficiência visual, deficiências múltiplas, portadores de síndromes e perdas auditivas. Em 2002, tínhamos nove turmas, sendo cinco salas especiais e quatro salas de recursos. **Como consequência da avaliação positiva do trabalho realizado em 2002, a coordenação do ensino especial e os professores das turmas indicaram uma mudança, em caráter experimental, do atendimento.** Começamos 2003 aumentando o número de turmas, priorizando a entrada do aluno “especial” nas salas regulares e oferecendo, em outro turno, o atendimento em salas de recursos. Atualmente são onze turmas, sendo uma sala especial e dez salas de recursos, distribuídas nos municípios. (Ver quadro em Anexo I).

No caso específico do surdo, são oferecidas as seguintes alternativas de atendimento:

1) Turmas especiais de primeira série do Ensino Fundamental para alfabetização do aluno surdo;



2) Encaminhamento e matrícula de alunos surdos, alfabetizados, para série correspondente ao seu nível de aprendizagem;

3) Suporte e apoio ao aluno surdo integrado no regime regular, através de salas de recursos, realizado em turno contrário ao atendimento no ensino regular.

## ANEXO I

### CONHEÇA A DELEGACIA REGIONAL DE ENSINO DE ARRAIAS (DRE/ARRAIAS - TOCANTINS).

Níveis de Educação oferecidos e atendimento da modalidade: Educação Especial.

Município e População	Unidades Escolares da Rede Estadual	Níveis de Educação oferecidos	Educação Especial em 2002	Educação Especial em 2003
Arraias 12.000 hab.	1) Colégio Profª Joana B. Cordeiro	Ensino Fundamental e Ensino Médio	-	-
	2) Escola Brigadeiro Felipe	Ensino Fundamental	-	-
	3) Escola Silva Dourado	Ensino Fundamental	1 sala especial 1 sala de recursos	1 sala especial * 1 sala de recursos
	4) Escola Apoenan de Abreu	Ensino Fundamental	-	2 salas de recursos
	5) Escola Jacy Alves	Ensino Fundamental	-	-
	6) Colégio Zulmira Magalhães	Ensino Fundamental e Ensino Médio	-	-
Paraná 8.500 hab.	1) Colégio Desor. Virgílio M. Franco	Ensino Fundamental e Ensino Médio	1 sala especial 1 sala de recursos	2 salas de recursos
	2) Escola Euclides B. Gerais	Ensino Fundamental	-	-
Combinado 5.000 hab.	1) Colégio Joaquim de Sena	Ensino Fundamental e Ensino Médio	-	-
	2) Escola Augusta Vaz	Ensino Fundamental	1 sala especial 1 sala de recursos	2 salas de recursos
	3) Escola Combinado	Ensino Fundamental	-	Atendimento Clínico - Psicológico dos alunos
Aurora do Tocantins 3.100 hab.	1) Colégio Profª Ranulfa	Ensino Fundamental e Ensino Médio	1 sala especial 1 sala de recursos	2 salas de recursos
	2) Escola D. Inês	Ensino Fundamental	-	-
Novo Alegre 2.050 hab.	1) Colégio Dr. João D'Abreu	Ensino Fundamental e Ensino Médio	-	Atendimento Clínico - Psicológico de alunos
	2) Escola Diolindo dos Santos Freire	Ensino Fundamental	-	-
Lavandeira	1) Colégio Estadual Lavandeira	Ensino Fundamental e Ensino Médio	1 sala especial	1 sala de recursos
Total de Turmas da Educação Especial em 2002 e 2003			5 salas especiais 4 salas de recursos	1 sala especial 10 salas de recursos

Obs.: Os atendimentos aos alunos surdos são realizados nos Municípios de Arraias, Combinado, Aurora do Tocantins e Paraná.

\*Em Arraias, a sala especial é de atendimento aos alunos surdos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 - MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, DF. UNESCO, 2000.

2 - PERRENOUD, Phillipe. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

3 - PERRENOUD, Phillipe, A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

A Delegacia de Ensino de Arraias está situada à Praça Madre Anastasie S/Nº- Centro. CEP 77330 000 - Arraias - Tocantins. Fone/Fax - (063) 653-1066.

E-mail: [drearraiaseduc.to@gov.br](mailto:drearraiaseduc.to@gov.br)

## INGLÊS NA SALA DE AULA DO INES

Professora Katia Cristina Vanffossen<sup>1</sup>  
katiavanf@yahoo.com.br

Em 2001 tive a oportunidade de começar a trabalhar numa escola de surdos, o Centro Educacional Pilar Velazquez, que usa o bilingüismo como método de ensino. Até aquele momento, eu não conhecia a Língua de Sinais, só tinha uma vontade muito grande, há tempos, de conhecer mais uma língua além do inglês, espanhol e português. Além de aprender com os alunos, fazia curso no INES e tentava me aprofundar um pouco mais a cada dia, freqüentando reuniões, palestras, festas e todo evento social que tivesse oportunidade de estar com surdos. Adaptei os materiais que dispunha, sempre me preocupando com a leitura e a escrita. Em 2002 trabalhei como professora de português e inglês na APADA e em seguida ingressei na Universidade Estácio de Sá, também ministrando aulas de apoio para alunos surdos de diversas áreas.

No início deste ano letivo, comecei a trabalhar também no INES, já dominando melhor a LIBRAS. Minha comunicação com os surdos sempre foi calcada em muito respeito, e isto facilitou muito a troca de informações e perceber qual seria meu público alvo e qual melhor método poderia ser trabalhado.

Este trabalho tem como objetivo mostrar o trabalho com a Língua Inglesa na sala de aula com indivíduos surdos no INES.

Com o crescente aumento da necessidade de comunicação em nossa sociedade, entre indivíduos que não compartilham a mesma língua, deparamo-nos cada vez mais com as exigências da racionalidade e da produtividade, distanciando-nos da criatividade e da auto-expressão.

Para alguns ouvintes, é difícil estabelecer e ordenar os elementos de coesão, devido a vícios de linguagem, fatores sociais etc. Para uma pessoa que não ouve e muitas vezes obtém, através da leitura, a forma correta de escrever, há uma necessidade de decorar a ordem correta das palavras, para chegar ao processo da formação de frases, seus conectivos e desinências verbais. Nestes casos a língua inglesa tem suas vantagens por ter um número reduzido de desinências e conectores, assim como sua forma frasal assemelha-se à LIBRAS.

Partindo da premissa que é nossa função, enquanto profissionais da educação, garantir que o aprendizado não seja uma experiência decepcionante, urge termos em mente, como fazemos os surdos escreverem bem a Língua Portuguesa e a Língua Inglesa.

---

<sup>1</sup>Graduação em Português e Inglês na Universidade Estácio de Sá. Especialização em Língua Portuguesa e Lingüística na Universidade Estácio de Sá, Professora/Intérprete.

Dando continuidade ao trabalho excelente da professora Vera Alves, dentro da instituição, minhas aulas são sempre voltadas para o inglês instrumental, focado na leitura e na escrita. Não exijo a fonética como matéria obrigatória, mas este tópico é abordado no Ensino Médio, pois assim o surdo terá oportunidade de saber que o som da Língua Portuguesa é diferente foneticamente da Língua Inglesa e, assim, como as Línguas não são universais, seus fonemas também não são.

Baseada em fontes lingüísticas, gramaticais e em experiências pessoais, para demonstrar a tendência de utilização da língua de sinais para transpor no papel uma frase, um método de ensino que realça o poder do inglês como fator extralingüístico interdisciplinar<sup>2</sup> de competência pragmática para o desenvolvimento de conhecimento. Partindo da premissa que nos dias atuais, utilizamos e vemos a língua inglesa em vários contextos e em várias ocasiões, como *shopping*, lanchonetes, jornais, revistas e livros, sua utilização e seu ensino em sala de aula passaram a ser primordiais.

Conhecendo melhor a natureza do aprendizado nos seres humanos, a prescrição de métodos de ensino fica facilitada. É necessário levar em consideração que uma criança, geralmente, começa a aprender a segunda língua após ter sido alfabetizada na sua língua materna. Os choques gerados por um possível conflito entre as duas línguas devem ser observados com atenção pelo professor.

No mundo globalizado, é de suma importância encorajar, por vários motivos, o conhecimento não de uma, mas de várias línguas além da língua materna. Levando-se em consideração que cada indivíduo tem uma aptidão própria, aprender uma segunda língua, para muitos, pode ser uma tarefa árdua. Vários fatores são necessários para provocar o estímulo de aprendizado.

Conhecer e usar outra língua como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais é necessário na conjuntura atual. O conhecimento de uma ou de várias línguas, aguça a curiosidade e qualifica os alunos para a compreensão e a visão do mundo, abrindo acesso a informações de outras comunidades e propiciando sua integração num mundo globalizado.

## CONCLUSÃO

A língua pode evoluir no seres humanos mesmo existindo um grave defeito cognitivo ou físico. Por este motivo os surdos são capazes de desenvolver sua própria língua, tornando-os políglotas. O ser humano possui geneticamente o sistema lingüístico capaz de diferenciá-los dos outros animais, pois boa parte do cérebro se destina à língua e funções a ela relacionadas.

---

<sup>2</sup>O estudo das outras disciplinas, notadamente de história, geografia, ciências naturais, arte, passa a ter outro significado se em certos momentos fossem proporcionadas atividades conjugadas com o ensino de segunda língua.

Os surdos são pessoas e, como tal, são dotados de linguagem assim como todos nós. Precisam apenas de uma modalidade de língua que possam perceber e articular facilmente para ativar seu potencial lingüístico e, conseqüentemente, os outros e para que possam atuar na sociedade como cidadãos normais. Eles possuem o potencial. Falta-lhes o meio. E a Língua Brasileira de Sinais é o principal meio e uma ferramenta, que se lhes apresenta para “deslanchar” esse processo de aprendizagem de uma ou várias outras línguas, proporcionando sempre um ambiente bilíngüe.

Pesquisas lingüísticas sobre a estrutura e o funcionamento das línguas de sinais contribuem não só para lançar luz à compreensão do caráter eminente humano da faculdade da linguagem como também para a formação de uma nova concepção sobre a surdez e o surdo.

No momento que estamos ensinando a Língua Inglesa e outras matérias, também trabalha-se a Língua de Sinais, mostra-se a configuração da mão corretamente e a expressão, utilizando basicamente a LIBRAS para mostrar a linguagem dentro da sala de aula.

Não há efetivamente uma gramática escrita, para língua de sinais, portanto, é na conversa e na interação, na troca de informações que os surdos aprendem o vocabulário.

Com os ouvintes a repetição das palavras ajuda a criança a memorizar, assim também é com os surdos que apesar de não ouvirem, visualizam repetitivamente a configuração das mãos e os pontos de articulação, principalmente os parâmetros da Língua de Sinais.

Para trabalhar a escrita do surdo, os professores precisam sempre contextualizar trabalhando sempre a sua percepção visual. Fazendo jogos e brincadeiras que incentivem os alunos a aprenderem cada vez mais, estimulando-os a aumentar a percepção como ser humano e como cidadão. Promovendo uma apreciação dos costumes e valores de culturas estrangeiras, contribui assim para desenvolver a percepção da própria cultura.

A aprendizagem de Línguas Estrangeiras é também um exercício para aprender um código diferente e amplia as possibilidades do indivíduo surdo ou ouvinte de agir e interagir no mundo.

*“We need the kind of education that is able to sustain the ‘whole person’-spirit, heart, head, and hands.” Stephen Sterling.*

*“Nós precisamos de um tipo de educação que seja hábil para sustentar a pessoa como um todo - espírito, coração, cabeça e mãos.” Stephen Sterling.*

## PROJETO OFICINA DE LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA NO CAP/INES

Professora Lúcia Alves Badaue<sup>1</sup>

“Não há fronteiras para a vontade de aprender, nem limites para a arte de ensinar.” (autor desconhecido)



A Oficina de Língua Portuguesa é uma atividade extra classe, de livre escolha do aluno, que poderá freqüentá-la no contra-turno ou mesmo no seu turno quando estiver, eventualmente, em tempo vago ou ausência de um professor. Sua participação poderá ocorrer tantas vezes quantas lhe forem possíveis, ocupando de forma produtiva sua permanência na escola.

A Oficina de Língua Portuguesa se propõe a atender alunos do Serviço de Ensino Fundamental (de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries), do Serviço de Ensino Médio e do Serviço de Ensino de Jovens e Adultos, nos turnos da manhã e da tarde, de segunda a sexta-feira.

Tendo em vista os PCN de Língua Portuguesa e o Projeto Político Pedagógico do INES, a base teórica que norteia o trabalho é o sócio-interacionismo que traz, como conjunto de princípios, uma nova visão de relacionamento dentro do espaço da sala de aula – um ambiente rico em interações.

A partir do conhecimento que o aluno já tem, são propostas atividades de forma a explorar o seu potencial para aprender. O erro, a dificuldade e o fracasso são redimensionados para que sejam entendidos como parte do processo. A professora, incentivadora e desafiadora, orienta e auxilia o aluno até que logre êxito, competência para prosseguir por si.

O aluno é convidado a participar da Oficina através de cartazes espalhados pelos corredores e salas de aula. Vale acrescentar que, na época de implantação do projeto, o mesmo foi apresentado nas reuniões de pais dos turnos da manhã e

<sup>1</sup>Professora de Língua Portuguesa do INES. Licenciada em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Professora Especializada na área da Deficiência Auditiva.

tarde. Posteriormente, um documento foi enviado aos pais, através da caderneta escolar, contendo objetivo geral e horário de funcionamento da Oficina.

### **OBJETIVO GERAL:**

Ampliar o atendimento em Língua Portuguesa no CAP/INES.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Utilizar a linguagem na leitura e na produção de textos escritos, partindo de matéria jornalística.
- Utilizar a linguagem para estruturar na experiência e explicar a realidade.
- Ampliar o conjunto de conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais envolvidos na construção do sentido do texto.
- Ler, de maneira autônoma e crítica, textos com os quais tenha construído familiaridade.
- Utilizar a escrita como apoio para registro de suas expressões e comunicação.
- Ser receptivo a textos que rompem com o seu universo de expectativas (textos que desafiam sua condição atual).
- Trocar impressões com outros leitores sobre o texto lido.
- Compreender a necessidade de ler.
- Analisar e revisar o próprio texto.

Os alunos encontram, na sala, mural alusivo ao tema que está sendo estudado, bem como textos jornalísticos, por série, sobre um acontecimento que tenha tido destaque, na opinião pública e que seja do seu interesse, naquele momento, o que geralmente tem duração de um bimestre. A Oficina de Língua Portuguesa é um espaço onde o aluno sabe que poderá entender situações do cotidiano e acompanhar o seu desenrolar ao longo do ano.

Após a compreensão inicial do tema e do texto, haverá estudo do vocabulário, interpretação, exercícios de gramática contextual (fatos gramaticais relevantes para a compreensão do texto, priorizando o uso da língua) e produção individual de texto pelo aluno (expressar a sua opinião). A LIBRAS e a Língua Portuguesa estão presentes, assim como gravuras, desenhos, escrita, dramatização, fita de vídeo e TV.

A interdisciplinaridade e os temas transversais – no segundo fragmento do Ensino Fundamental – são largamente contemplados, ampliando a visão de mundo do surdo. A avaliação e a auto-avaliação do aluno acontecem de forma permanente e informal, quando a professora aproveita para, mais uma vez, incentivá-lo a continuar e a voltar à Oficina.

Formam a equipe as professoras Helena Badaue de Almeida, Heloísa Badaue de Almeida, Joselane Siqueira e Lúcia Alves Badaue.

No primeiro bimestre de 2003, o tema desenvolvido foi o caso da estudante Luciana Novaes Gonçalves, que foi baleada durante o horário do recreio, na universidade. Após a compreensão do tema, alguns textos foram disponibilizados por série, acompanhando o noticiário. A discussão de temas evocados pelos alunos, tais como respeito às leis, segurança, cidadania, drogas enriqueceram o trabalho. O estudo do vocabulário do texto, a interpretação e a gramática contextual contribuíram para a última etapa do processo de estudo que é a produção de texto pelo aluno: este emite a sua opinião, explicitando suas justificativas.

Certamente, ao longo do tempo e em concomitância com todo o trabalho pedagógico e educativo que é desenvolvido no INES, o aluno conseguirá as seguintes competências:

- Leitura autônoma e crítica em Língua Portuguesa.
- Escrita funcional.
- Prosseguir nos estudos.

Nossa meta é construir um projeto pedagógico de sucesso e, assim contribuir para que o surdo seja cidadão em um mundo melhor para todos.

Pontos sobre os quais se alicerça a Oficina de Língua Portuguesa:





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares de Língua Portuguesa. Brasília. 1997.
- 2 - INES. Projeto Político Pedagógico do CAP/INES. RJ. 1998.

## PROPOSTA PARA A PROMOÇÃO DA AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA DE SINAIS PELA CRIANÇA SURDA

Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional, do Curso de Fonoaudiologia da Universidade de São Paulo.  
Lichtig, I.<sup>1</sup>; Slomski, V.<sup>2</sup>; Trettel, M.<sup>3</sup>; Barbosa, F. V.<sup>4</sup>;  
Couto, M. I. V.<sup>5</sup>; Akyama, R.<sup>6</sup>

Em busca de um novo olhar sobre a surdez e a criança surda, o Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional, do Centro de Docência e Pesquisa em Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, mediante a parceria com surdos adultos e outros profissionais, desenvolve um programa de atendimento em surdez voltado para o desenvolvimento das habilidades e competências lingüísticas, comunicativas e auditivas das crianças surdas numa abordagem bilíngüe (*Língua de Sinais/Língua Oral*), pois entende que este é um modelo de atendimento que não afeta as experiências psicossociolingüísticas das crianças e as respeita em seus contextos socioculturais. O objetivo maior deste trabalho é melhorar as condições de interação e comunicação entre as crianças surdas, a família, a escola e a sociedade.

O Bilingüismo, de acordo com autores como SANCHÉZ 1990; 1991; SKLIAR et. al. 1995; 1997b; PICKERSGILL 1998, tem como base uma visão de minoria lingüística da comunidade surda e um modelo social de atendimento à surdez. Define-se como sendo uma proposta que, apoiada pela comunidade de surdos, pressupõe o reconhecimento do direito da criança surda adquirir o mais cedo possível a Língua de Sinais, como sua *primeira* língua (L1), ponto central para o desenvolvimento dos *processos de identificação pessoal, social e cultural*, bem como base para sua edificação escolar e para o aprendizado da *segunda* língua (Língua Portuguesa, no caso do Brasil). Estes pressupostos implicam:

- No reconhecimento do valor do pluralismo lingüístico e cultural em sociedade, isto é, **tolerância lingüística**;
- Na remoção de estigmas de opressão e capacitação das pessoas surdas;
- Na igualdade de oportunidade indiferentemente da língua, etnia, raça, gênero e deficiência;
- No reconhecimento do direito que tem as crianças que falam uma língua minoritária de ter as mesmas oportunidades de desenvolvimento lingüístico e comunicativo que as crianças que falam a língua oficial do seu país;

<sup>1</sup>Docente da Área Temática da Educação Especial – Programa de Pós - Graduação da FEUSP e Livre Docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMUSP.

<sup>2</sup>Pedagoga e Doutoranda da área temática da Educação Especial – FEUSP.

<sup>3</sup>Surda Instrutora da Língua de Sinais do Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional.

Ou seja, a proposta bilíngüe para crianças surdas possui como princípio o fato de que elas são usuárias naturais de uma língua adaptada às suas experiências de mundo e às suas capacidades de expressão e compreensão através da Língua de Sinais (Kozlowski, 2000). Sendo assim, promove o uso de duas ou mais línguas e reconhece a Língua de Sinais como uma língua legítima, que pode ser adquirida através de um processo natural durante o período de desenvolvimento da criança surda.

Mas, para que um modelo de educação bilíngüe seja implementado é preciso haver mudanças filosóficas e de atitudes frente à educação do surdo, requerendo alterações estruturais e organizacionais (Pickersgill e Gregory, 1998).

Dessa forma, os serviços que se propõem a desenvolver programas de intervenção bilíngüe com indivíduos surdos, precisam discutir e rever suas concepções de surdez e oferecer a estes, o acesso à Língua de Sinais e à língua majoritária de seu país, seja na modalidade escrita e/ou oral.

Além disso, mudanças de atitudes e da estruturação das equipes de trabalho são fundamentais para oferecer às crianças surdas o pleno desenvolvimento de suas capacidades, garantindo a aquisição, a utilização competente de uma língua e o estabelecimento de uma identidade própria.

Nesse sentido, a inclusão de usuários nativos da língua de sinais (surdos adultos) na equipe profissional é considerada essencial, uma vez que eles podem transmitir esta língua naturalmente para as crianças surdas, possibilitando seu desenvolvimento lingüístico, cognitivo, emocional e educacional (Lane et al, 1996). Os adultos surdos estão também, mais capacitados a entender as crianças surdas, principalmente nos casos em que a linguagem está irregular, alterando mais facilmente sua própria língua para ir ao encontro das suas necessidades (Young et al, 1998). A participação do surdo adulto na educação da criança surda também permite que a identidade e cultura surdas estejam asseguradas, favorecendo o desenvolvimento de um auto-conceito positivo (Moura et al, 1997; Collins, 1988; Kozlowski, 2000; Mason, 1991).

Visando propiciar o acesso das crianças surdas e seus familiares à língua de sinais, o Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional criou um espaço no qual as crianças têm a oportunidade de interagir com uma instrutora surda, e assim, estabelecer as bases para a aquisição da língua de sinais. Os familiares dessas crianças também são contemplados no sentido de manter o contato com a língua de sinais através da instrutora surda o que promove, além do aprendizado da Língua de Sinais – que promoverá maior fluência na comunicação com as suas crianças – a possibilidade da visão do “crescer surdo”, de relacionamentos positivos e modelos de conquistas e posições sociais (Lane et al, 1996; Young et al, 1998).

<sup>4</sup>Fonoaudiólogo, Mestrando da área de Fisiopatologia experimental da FMUSP e Intérprete da Língua de Sinais do Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional.

<sup>5</sup>Técnico do Curso de Fonoaudiologia da FMUSP, Doutoranda na área de Fisiopatologia Experimental da FMUSP.

<sup>6</sup>Fonoaudióloga, Mestranda da área de Fisiopatologia experimental da FMUSP.

Neste sentido, apresentamos uma proposta para ser implementada em grupos de crianças surdas, visando a aquisição de bases lingüísticas para a Língua de Sinais e o desenvolvimento da mesma.

PROPOSTA (sugestão para desenvolvimento semestral em sessões semanais de 45 minutos).

### **OBJETIVO GERAL**

- Propiciar bases para que as crianças surdas possam adquirir a Língua de Sinais.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS EM CADA GRUPO DE CRIANÇAS:**

#### **GRUPO 01 – DE 0 A 3 ANOS DE IDADE**

##### **OBJETIVO**

Estimular o desenvolvimento lingüístico e cognitivo das crianças surdas através da exposição à língua de sinais.

##### **CONTEÚDO**

Exploração de: 1) direcionamento da atenção; 2) contato de olho; 3) categorização (animais, objetos etc); 4) nomeação (substantivos, vocabulário.); 5) itens suprasegmentais da Língua de Sinais.

##### **PROCEDIMENTOS**

O método/estratégia tendo como base a interação/diálogo em Língua de Sinais ocorre de acordo com os objetivos estabelecidos para cada conteúdo. Ex: Uso de materiais como brinquedos para estimulação das expressões faciais, do direcionamento adequado do olhar, da atenção etc.

#### **GRUPO 02 – DE 03 A 07 ANOS**

##### **OBJETIVO**

Estimular o desenvolvimento da Língua de Sinais através de atividades estruturadas com uso instrumental da Língua de Sinais.

##### **CONTEÚDO**

Exploração de: 1) vocabulário básico, nomeação; 2) verbos; 3) interrogativos ; 4) numerais; 5) adjetivos.

##### **PROCEDIMENTOS**

O método/estratégia tendo como base a interação/diálogo em Língua de Sinais ocorre de acordo com os objetivos estabelecidos para cada conteúdo. Ex: história em quadrinhos, em vídeos, livros de história, desenhos, dramatizações etc.

**GRUPO 03 - 07 - 15 ANOS****OBJETIVO**

Aprofundar os conhecimentos da Língua de Sinais através de atividades estruturadas para a estimulação direta da língua.

**CONTEÚDO**

Exploração de: 1) Cultura Surda; 2) Classificadores; 3) Processo anafórico; 4) Nomeação.

**PROCEDIMENTOS**

O método/estratégia tendo como base a interação/diálogo em língua de sinais ocorre de acordo com os objetivos estabelecidos para cada conteúdo, Ex: Tendo o diálogo em Língua de Sinais como base, utiliza-se de conversas informais sobre o cotidiano, a adolescência, a família, a mídia, comunidade surda, a escola etc.

**ACOMPANHAMENTO DO NÍVEL EVOLUTIVO DAS CRIANÇAS**

O acompanhamento das crianças ocorre com a observação dos avanços do seu próprio processo de apropriação de linguagem e da Língua de Sinais, sempre em relação ao seu próprio ponto de partida. Deste modo, utiliza-se como estratégia a produção lingüística em sinais, ou seja, capacidade de produção, argumentação, nível interpretativo e argumentativo, bem como adequação do discurso ao texto e ao contexto de produção. Após cada aula é feito o relatório onde são efetuados registros escritos que possam indicar essa evolução ou necessidade de adequação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- PICKERSGILL, M. e GREGORY, S. **Sign Bilingualism**. LASER, London, 1998.
- 2- SANCHÉZ, C. **La Increible y Triste História de la Sordera**. Caracas: Editorial CEPROSORD, 1990.
- 3- \_\_\_\_\_. **La Educación de los Sordos en un Modelo Bilíngüe**. Mérida, Venezuela. 1a. Edición. 1991.
- 4- SKLIAR, C. ; MASSONE, M. I. ; VEINBERG, S. **El acceso de los niños sordos al bilingüismo y biculturalismo**. In: Revista Infancia y Aprendizaje. Buenos Aires, 1995. p. 84-100.
- 5- \_\_\_\_\_. **La educación de los sordos. Una Reconstrucción Histórica, Cognitiva y Pedagógica**. 1. Edição. Mendoza: EDUNIC/ Editora de la Universidad Nacional de Cuyo, 1997.
- 6- PICKERSGILL, M.; GREGORY, S.G. **Sign Bilingualism**. Laser publication, 1998, p. 1-9
- 7- KOZLOWSKI, L. A educação bilíngüe – bicultural do surdo. In: LACERDA, C.B.F. de; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (org.) **Surdez e Abordagem Bilíngüe**. São Paulo: Plexus, 2000, ed., cap. 1, p. 80-98.
- 8- MOURA, M.C. de; LODI, AC.B. & HARRISON, K.M.P. História e Educação: o Surdo, a Oralidade e o Uso de Sinais. In: LOPES FILHO, O **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo, Ed. Roca, 1997, cap. 16, p. 327-357.
- 9- COLLINS, J. The importance of Deaf and Hearing Adults working together. In: **Deaf Adults working in Education - Proceedings of a conference held in Derby**. November, 1988, p: 27-32.
- 10- KOZLOWSKI, L. A educação bilíngüe – bicultural do surdo. In: LACERDA, C.B.F. de; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (org.) **Surdez e Abordagem Bilíngüe**. São Paulo: Plexus Ed., cap. 1, 2000 p. 80-98.
- 11- MASON, C. School experiences. In: TAYLOR, G.; BISHOP, J. (eds.) **Being deaf : The experience of deafness**. Open University, 1991, p.84-87.
- 12- LANE, H.; HOFFMEISTER, R.; BAHAN, B. Families with deaf children. In: \_\_\_\_ (eds.) **A Journey into the Deaf – World**. San Diego, CA: Dawnsign press, 1996, p.24-41.
- 13- LANE, S.T.M. Os fundamentos teóricos. In: GIORA, R.C.; GONZÁLEZ-REY, F.; LENZONI, A.M.; LANE, S.T.M.; ARAUJO, Y. (orgs.) **Arqueologia das Emoções**; Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999. p.13..
- 14- YOUNG, A.M.; ACKERMAN, J.; KYLE, J.G. **Looking on: deaf people and the organization of services**. Bristol: Policy Press. 1998.

## ENTREVISTA



Gostaria de ser um pouco engraçado, enquanto vou percorrendo sobre as características relevantes à minha rápida biografia, mas infelizmente humor literário nunca foi o meu forte. Bom, então vamos lá! Chamo-me Mauro Soares Ribeiro<sup>1</sup>, e com o meu nome carrego a data de nascimento de 08-06-1976 - já podem ver que estou à beira de fazer 30 anos. Não sei se choro ou pulo de alegria com isso. Até prefiro pular, mas os joelhos já não deixam mais, então...buá, buá, buá! Snif...bem..venho de um ambiente familiar levemente temperado por um pseudo-militarismo por parte de pai, acompanhado com uma dose de condimento amazonense materno, cujo gosto é indescritível; há também a presença de uma irmã 5 anos mais velha, que atualmente trabalha no mercado financeiro. Todos eles foram fundamentais para o meu crescimento como indivíduo, no que se refere à aquisição de linguagem oral e desenvolvimento cognitivo, sem falar na segurança emocional e psicológica para enfrentar o mundo com uma surdez profunda. No mundo educacional formal, tenho bagagem de aprendizado em escolas mistas, passando apenas o período da 5ª série até o 1º ano do 2º grau em escolas exclusivamente para alunos ouvintes. De suma importância foi esse aspecto escolar inclusivo, já que permitiu não só o precoce exercício social com os ouvintes, mas também que a minha mãe pudesse acompanhar diretamente com a coordenação o que se passava comigo dentro da sala de aula; pulando diretamente para a fase acadêmica, há de ser ressaltado o percurso de 1 ano e meio dentro do universo de surdos existente na Universidade de Gallaudet, em Washington, D.C., antes do retorno para a via acadêmica principal, que vem a ser a continuação do meu curso de Pedagogia na PUC, onde atualmente estou para me formar no final do ano que vem. Ah, antes que me esqueça: minha surdez foi detectada por volta de 1 ano de idade, e o início dos aparelhos auditivos deu-se imediatamente após a constatação deste fato.

**1 – Acreditamos que tenha sido significativo ter estudado em Gallaudet. Você poderia pontuar experiências relevantes vivenciadas lá e também agora no Brasil?**

*Sem sombra de dúvida esse contato estrangeiro teve forte impacto sobre a minha vida. Não só pelo aspecto cultural, mas também educacional. Em Gallaudet pude extrair novas noções a respeito das potencialidades dos surdos, que quando em*

<sup>1</sup> Estudante de Pedagogia/PUC/RJ, maurinho76@hotmail.com

*sintonia com propostas pedagógicas adequadas permitem que o desenvolvimento do deficiente auditivo atinja níveis lingüísticos altamente elaborados. Neste exclusivo contexto também apreciei a forte tendência à atitude politizada por parte dos próprios surdos americanos. São grupos minoritários que têm voz política, algo menos comum de se encontrar aqui. Vindo de lá, pude, com uma nova referência, compreender certos elementos sobre o surdo brasileiro – que vai indo muito bem, por sinal! – que também tem a sua força política, que tenta destacar-se num ambiente bastante limitado em termos de apoio financeiro do governo. O que ele já conseguiu de direitos mostra o quanto de fôlego tem.*

## **2 – Sendo você fluente no português oral e escrito, o que fez buscar a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS?**

*Foram dois os principais motivos: a urgente necessidade de poder me comunicar com meus novos colegas e amigos, sem falar no caso de um dia vir a trabalhar com deficientes auditivos, e a vontade de incluir novas formas de expressão, de ampliar os canais de comunicação, para também facilitar o meu relacionamento com o mundo, de um modo geral - quase como aprender teatro. O deficiente auditivo oralizado, do meu ponto-de-vista, é sobrecarregado emocionalmente para toda a questão sonora, então busquei na LIBRAS uma espécie de escoamento comunicativo, para desconcentrar a atenção excessiva para com o trabalho vocal.*

## **3 – Como está sendo a experiência de estagiar numa escola da Rede Pública Municipal com alunos ouvintes e surdos?**

*Trabalho com ouvintes no momento. Como obrigatoriedade curricular, a PUC manda os alunos para estagiar em escolas municipais conveniadas com esta. Já trabalhei com educação infantil por 1 ano, e agora recentemente tive que lidar com adolescentes em uma escola Normal. A interação profissional com grandes grupos de ouvintes é muito difícil - pelo menos, o é para mim. Há de fazer um grande esforço respiratório e vocal para que sua voz atinja todos, a percepção visual tem que estar no seu máximo, tem que se livrar de vícios de fala para que haja sintonia entre você e o aluno, e a dicotomia: turma versus aluno é muito tensa pois a relação (no meu caso) entre professor e turma é muito fraca, enquanto com o aluno há alguma compensação individualmente. Há desequilíbrio no prisma professor - aluno - turma. Essa constatação me aliviou por um lado, pois pude enxergar melhor algumas falhas de comunicação por minha parte, mas me deixou um pouco ansioso, pois penso em como que vou lidar com outros colegas, qualquer que seja o ambiente profissional.*

## **4 - Você encontrou dificuldades no início do Curso de Pedagogia na Universidade?**

*De um modo geral não encontrei dificuldades, seja em sala de aula ou na infra-estrutura geral do campus. Mas, ainda assim, acredito que existem falhas aca-*



dêmicas no processo de integração de deficientes auditivos em luta pela obtenção de diploma, principalmente na prática da avaliação. É um tema meio delicado, mas acho que deve haver uma dose de flexibilidade maior para com qualquer análise crítica dos trabalhos de surdos, devido a sua específica linguagem escrita. Pela minha experiência, acredito que as universidades brasileiras fazem um esforço para integrar o deficiente na vida acadêmica.

**5 - O que falta na Universidade para que o Portador de Necessidades Especiais seja atendido de forma plena?**

*O que falta é conscientização de que é só o indivíduo chamar um pouquinho de atenção, ir aos lugares certos, se informar, que ele consegue mobilizar um corpo administrativo e docente para com o atendimento de suas necessidades especiais.*

**6 - Mas você não acha que também a Universidade a partir do momento que tem o aluno "especial" cursando suas faculdades, teria que exercer um papel mais consciente nessa questão? Como é a PUC nesse aspecto?**

*Sem dúvida. Toda e qualquer instituição educacional deve facilitar a conscientização sobre a heterogeneidade do seu corpo estudantil - e, melhor, ela própria deve estar lúcida politicamente a respeito dessa questão. Acho que - em graus maiores ou menores - sim, há setores internos voltados para o suprimento dessa questão, nas faculdades brasileiras. Se eles existem, então fica a seguinte pergunta: por que tais setores andam tão escondidos no organograma administrativo das Universidades, a ponto de ficarem distantes da visão dos que necessitam de atendimento especial? Portanto, acho que a universidade tem que exercer um papel mais claro e explícito nessa questão. Ela tem que se expor mais, para que os outros saibam. Sobre a PUC, fica o mencionado anteriormente.*

**7 - Os Universitários usuários da LIBRAS ainda têm bastante dificuldade... Na Universidade em que estuda, você tem amigos usuários da LIBRAS? Caso tenha, como acontece? A Puc possui intérprete?**

*Não, que eu saiba. Ainda não encontrei surdos sinalizados no campus, mas acho que se tivessem estudantes sinalizados na PUC, provavelmente eles enfrentariam bastantes dificuldades pois acredito que não há intérpretes. Já encontrei estudantes bilíngües por lá (1 menina), mas não sei como anda a vida acadêmica dela. Tenho um amigo oralizado, que parece se virar na medida do possível, assim como eu.*

**8 - O que você pensa sobre a inclusão no atual momento político do Brasil?**

*Minha linha de pensamento aproxima-se mais do grupo dos pró-inclusão. Sempre achei a diversidade algo benéfico para a formação do indivíduo, seja ele portador de deficiência ou não. Acredito que só sofreremos acréscimos de crescimento*

*peçoal através do embate com a diferença, que nos provoca ruptura e nos leva à sucessivas reavaliações de conceitos. Homogeneidade social demais acaba por criar lodo na estrutura de caráter do indivíduo. Mas no atual momento político do Brasil, o esforço pela inclusão deve ser refletido antes de ser feito, e com muito cuidado, pois não adianta ser o único deficiente num grupo – assim o processo identificatório fica mais fraco. E tendo em vista a fragilidade estrutural do sistema escolar brasileiro, a criança não vai só sentir-se isolada existencialmente, como também receberá pouco reforço pedagógico, diante de professores mal-preparados para tal questão. O aluno especial pede por necessidades especiais, e atualmente o nosso Brasil não consegue atender nem as necessidades “comuns”, o que dirá então das especiais. Penso que se deve continuar com a luta pela inclusão, mas com muito cuidado para que o efeito final não seja o contrário.*

### 9 – Você gostaria de deixar uma mensagem final?

*Para os leitores surdos, que aceitem a sua linguagem e modo de interpretar o mundo como algo especial, próprio, válido e coerente, não importando o seu meio de comunicação (língua de sinais, oralismo ou bilinguismo). O importante é a significação da realidade apreendida, que esta se encaixe em seu mundo interno, fazendo-o feliz com o que é, com o que vê e sente. Para os leitores ouvintes, que estes não sintam receio ao abordar temas mais complexos ou abstratos **de forte teor emocional ou existencial** com os surdos, pois estes também atingem graus de profundidade semântica. Basta um toque de sensibilidade e saber como se proceder durante o diálogo, que ambos chegarão lá.*

## SESSÃO ACONTECEU

Fazendo parte das comemorações pela passagem do 147º aniversário do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos em 26 de setembro, a Instituição realizou seu II Congresso Internacional e VIII Seminário Nacional com o tema “Surdez e Escolaridade: Desafios e Reflexões”, no período de 17 a 19 de setembro, no auditório do SENAI, com um público participante de 19 estados brasileiros, num total de 664 profissionais envolvidos na questão da surdez.

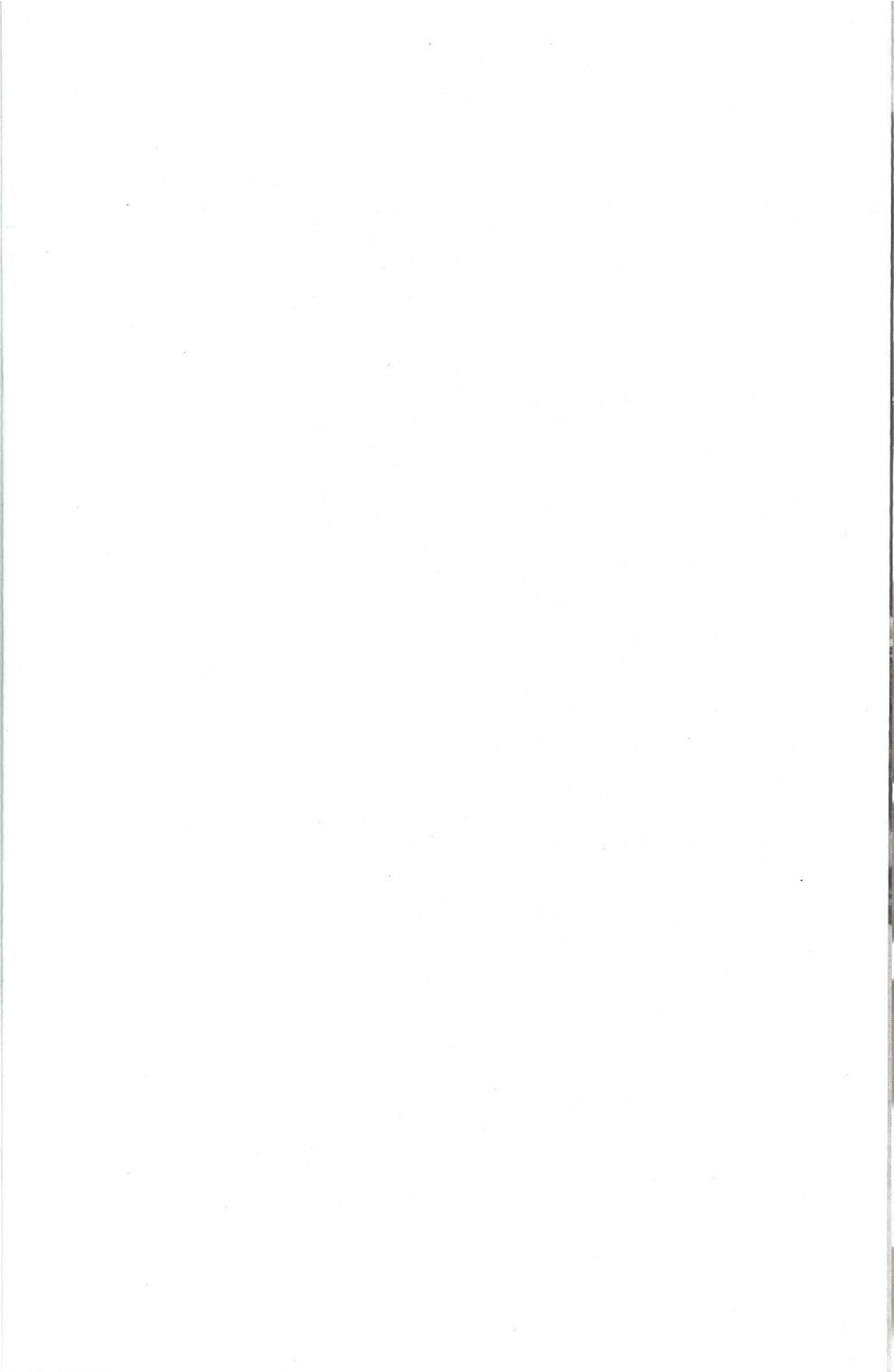
A UFPB instala comitê de apoio a portadores de necessidades especiais. O reitor da Universidade Federal da Paraíba, professor Jader Nunes de Oliveira, instalou na sala de reuniões dos órgãos deliberativos superiores da instituição, o Comporta Especial – Comitê de Apoio ao Estudante de Necessidades Especiais. O Comitê tem como objetivo viabilizar o acesso de estudantes portadores de necessidades especiais aos setores administrativos e pedagógicos da UFPB, garantir o exercício dos direitos educacionais básicos desses alunos, integrá-los na área de educação especial, promovendo ações conjuntas com os órgãos do Estado da Paraíba e do município, viabilizando, assim, recursos humanos especializados. Este projeto, indica a sensibilidade da UFPB na inclusão do estudante de necessidades especiais, minimizando os preconceitos.

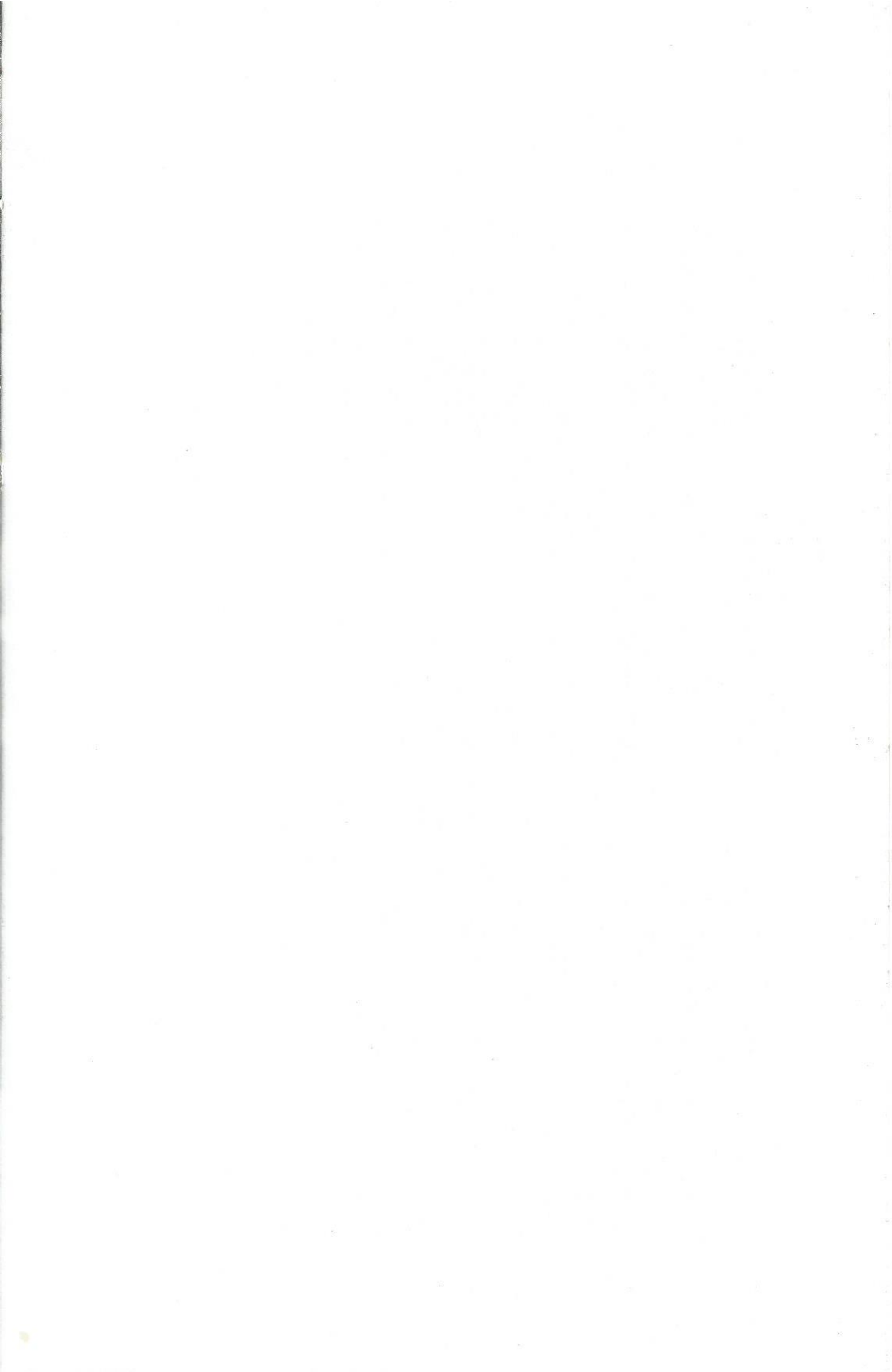
O Instituto Nacional de Educação de Surdos, participou do II Fórum de Inclusão de Educação Especial do Colégio Pedro II, nos dias 21 e 22 de outubro, em parceria com IBDD, SENAC, SENAI, UERJ, IBC, ABSD e escola Favo de Mel. O objetivo do encontro foi promover o pleno desenvolvimento do educando com necessidade educacionais especiais. Durante esses dias o INES apresentou palestras abordando “A Educação de Surdos na Sociedade Inclusiva”, “Surdez e o Processo Escolar”, “Proposta Bilíngüe na Educação de Surdos” e “A Importância da LIBRAS no Contexto Escolar”.



Neste ano traçou-se parceria com a Sociedade Brasileira de Pediatria, cujo objetivo foi alertar aos pediatras, quanto a importância do diagnóstico precoce.

Através da parceria com a UNIRIO, organizamos Curso de Pós Graduação Latu-senso em Educação Especial - Modalidade: Surdo, cego e Baixa Visão, com início previsto para agosto de 2004. Esse projeto teve a participação do IBC, INES / DDHCT / DFCRH.







Aula de linguagem das classes adiantadas  
Década de 30 — INES

Capa: Imagem de referência: O Cortejo de Dionísio  
Baixo-relevo, Museu de Nápoles

